

# VULNERABILIDADES BIOPSIKOSSOCIAIS DA POPULAÇÃO LGBTQI+ NA PERSPECTIVA DE ESTUDOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS

João Caio Silva Castro Ferreira<sup>1</sup>  
Maria Karolayne de Araujo Pereira<sup>2</sup>  
Henrique Rafael Pontes Ferreira<sup>3</sup>

## RESUMO

Em 2019 foi comemorado os 50 anos da Rebelião de Stonewall, que desde então trouxe a população LGBTQI+ conquistas antes inimagináveis, como direitos e espaços sociais nas políticas públicas, mas devido a uma sociedade heteronormativa e binária esse grupo acaba sendo vulnerável e sofrendo inúmeros tipos de violência. O objetivo deste estudo é analisar vulnerabilidades biopsicossociais que interferem na saúde mental das pessoas LGBTQI+ de acordo com estudos publicados sobre o assunto nos últimos cinco anos. Realizou-se o levantamento bibliográfico seguindo alguns requisitos e com o seguinte questionamento: Quais as vulnerabilidades biopsicossociais interferem na saúde mental da população LGBTQI+ segundo as publicações científicas publicadas?. Como resultados, a existência das pessoas LGBT é historicamente ligada ao preconceito e a discriminação, contudo, foi notável a alta intensidade da repressão social contra as pessoas LGBT+.

**Palavras-chave:** LGBT, Saúde Mental, Saúde Coletiva, Preconceito.

## INTRODUÇÃO

Em 2019, foi comemorado 50 anos da Rebelião de Stonewall, momento símbolo pela luta dos direitos da população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, queers e intersexo, (LGBTQI+), desde então, as pessoas LGBTQI+ tem conquistado de forma gradativa os seus direitos e espaços sociais nas políticas públicas. Em contrapartida, no que tange as situações de fragilidades biopsíquicas, em que estas pessoas estão expostas, a violência contra esta população ainda se perpetua e ganha forças entre as pessoas conservadoras que velam pelos padrões heteronormativos e binários.

---

<sup>1</sup> Graduado do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Piauí- PI, joavscavscastro@outlook.com;

<sup>2</sup> Graduanda pelo Curso de Enfermagem da Universidade Federal - UFPI, mkarolayneap@gmail.com;

<sup>3</sup> Mestrando do programa Programa de Pós Graduação em Biologia Parasitária da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, henriquepontes027@gmail.com.

Esta postura retrograda e tenebrosa se justifica pelo fato da heterossexualidade ser vista como modelo padrão a ser repercutido, segundo a visão de pessoas conservadoras, a partir deste pensamento, existe-se uma concessão de comportamentos agressivos e preconceituosos, contra pessoas que expressam suas afetividades fugindo do padrão heterossexual, atitudes reconhecidas como LGBTfobia (GOMES; REIS; KURASHIGE, 2014).

Para detalhar esta atitude, o heterossexismo colaborou de forma marcante para o aumento de comportamentos hostis e agressivos perante a gays, lésbicas, bissexuais, transexuais e travestis, formando uma ordem social de exclusão e concebendo os princípios que se localizam por trás da constante violação de direitos de LGBTQI's. Esta concepção se assemelha com o racismo, o antissemitismo e o sexismo, pois determina uma ordem social entre dois ou mais grupos de pessoas. Consequentemente, esta ordem permitia marginalização de pessoas que não se encontram nos padrões sociais, fato presente principalmente na distribuição injusta de poder político e econômico (OLIVA, 2015).

Em consequência da alta repercussão dessa ideologia heteronormativa, as pessoas LGBT, continuam sendo pessoas sucessivas à violência e a exclusão. De acordo com o Grupo Gay da Bahia, em seu relatório publicado em 2018, a cada 20 horas uma pessoa LGBTQI+ é assassinada ou se suicida devido a LGBTfobia no Brasil, além disso, de acordo com agências internacionais de direitos humanos, a incidência de pessoas homossexuais e transexuais assassinadas no Brasil é maior do que nos treze países do Oriente e África, onde se possui há pena de morte contra pessoas LGBTQI+ (MOTT, 2018; CERQUEIRA, 2018; MICHELS, 2018).

Mediante este contexto, denota-se a necessidade de analisar as vulnerabilidades biopsicossociais que interferem na saúde mental dessas pessoas, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o conceito de Saúde mental é: "um estado de bem-estar no qual um indivíduo percebe suas próprias habilidades, pode lidar com os estresses cotidianos, pode trabalhar produtivamente e é capaz de contribuir para sua comunidade" (WHO, 2014).

No que tange sobre a saúde mental das pessoas LGBTQI+, percebe-se o quanto elas estão rodeadas de fatores estressores, que se correlacionam com este cenário LGBTfóbico, emergindo-se a necessidade de listar quais as situações de vulnerabilidades psíquicas que as pessoas LGBT ainda enfrentam em seu cotidiano.

Consequentemente, o objetivo deste estudo foi é, analisar vulnerabilidades biopsicossociais que interferem na saúde mental das pessoas LGBTQI+ de acordo com estudos publicados sobre o assunto nos últimos cinco anos.

## **METODOLOGIA**

O presente estudo trata-se de uma investigação descritiva e exploratória do tipo revisão de literatura cuja a principal finalidade remete a análise de um problema pre-estabelecido, com fundamentação teórica, utilizando referências nacionais e internacionais (KAKUSHI; ÉVORA, 2016).

Para a escolha dos artigos foram utilizadas quatro bases de dados: *Science Eletronic Online* (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Periódicos da CAPES, PubMed. Foi realizado o cruzamento entre os respectivos descritores: Saúde mental *and* LGBT; saúde mental *and* orientação sexual; saúde mental *and* identidade de gênero; saúde mental *and* lésbicas; saúde mental *and* gays; saúde mental *and* bissexuais; saúde mental *and* transsexuais; saúde mental *and* travestis. Aos quais foram adicionados ao operador lógico "and" para somar os descritores citados.

Durante a produção deste estudo foram empregadas quatro etapas, a princípio a identificação do tema a ser explorado; buscou-se nas bases científicas a viabilidade para que o estudo possa ser construído, tendo-se como base a quantidade de artigos científicos já publicados sobre o assunto; analisaram-se os dados identificados de acordo com o método apresentado, além de analisar a amostra de cada estudo e os seus resultados. Para conduzir este trabalho, construiu-se o seguinte questionamento direcionador: Quais as vulnerabilidades biopsicossociais interferem na saúde mental da população LGBTQI+ segundo as publicações científicas publicadas?

Os critérios de inclusão aplicados para a seleção dos artigos científicos foram: publicações entre os anos de 2015-2019; serem publicados no idioma português inglês e espanhol; que estivessem disponíveis na íntegra. Portanto, se enquadraram na amostra os artigos que se inseriram nesses critérios, além de abordarem a temática estudada. Para os critérios de exclusão foi estabelecido que outras revisões de literatura, assim como, teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso, artigos duplicados e fora do recorte temporal pré-definido, não foram incluídos neste estudo.

Após a seleção dos artigos, seguiu-se com a análise dos mesmos, ressaltando pontos como o local que a pesquisa foi concebida, o tipo de pesquisa, o perfil amostral, a quantidade

de sujeitos que compuseram a pesquisa, os achados concernentes a saúde mental destas pessoas e os tipos de violência registrada.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em suma, 14 artigos foram analisados, para a análise foi dividido os artigos de desenvolvimento no Brasil e no exterior. Todavia, entre os artigos nacionais (Tabela 1) pode-se destacar que, que o sofrimento psíquico da população em questão está intrinsecamente ligado a violência e a não aceitação social, estas informações em sua maioria foram captadas pela subjetividade dos participantes da pesquisa.

Além disso, pode-se perceber o quanto há conflitos em vários ambientes sociais, como a família, escola e a própria sociedade, fato ao qual expõe as pessoas LGBTQI+ a situações marcantes que repercutiram durante toda a sua trajetória.

Conseqüentemente, toda esta vulnerabilidade acarreta várias implicações na psique destas pessoas, constatação que pode ser percebida através dos sentimentos de medo, ansiedade, insegurança, ou até mesmo depressivos, em que foram destacados nos estudos nacionais analisados.

Tabela 1 – Análise dos artigos nacionais

<b>Título</b>	<b>Referência</b>	<b>Local do estudo Cidade (estado)</b>	<b>Tipo de pesquisa</b>	<b>Grupo de estudo</b>	<b>Vulnerabilidades psíquicas identificadas</b>
Violência e sofrimento social no itinerário de travestis de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil	SOUZA, M.H.T.; et al (2015)	Santa Maria, RS	Etnográfica	Travestis	As diversas formas de violência vivenciadas na trajetória percorridas pelas travestis interfere diretamente nas suas condições de saúde. Além de distanciá-las da família, retirando suporte material e afetivo. Todavia, os núcleos escolas e serviços de saúde foram vistos como lugares que replicam violência contra elas, conformando parte de seu sofrimento. As conseqüências deste cenário são devastadoras foram presenciados casos de depressão, tentativa de suicídio, ferimentos e agravos dos mais diversos.
Descobrir, aceitar e assumir a homoafetividade: situações de	ZANATTA, E.A., et al (2018)	Chapecó, SC	Pesquisa descritiva e qualitativa	25 jovens homoafetivos, sendo 13 mulheres e 12 homens.	Os jovens homoafetivos vivenciam vulnerabilidades individuais e sociais. Na dimensão individual, estão expostos aos

vulnerabilidade entre jovens					sentimentos de medo, insegurança e nãoaceitação. Nadimensão social, destaca-se a exposição à violência, expressa de diversasformas, nos âmbitos familiar e social.
Álcool, drogas e violência: implicações para a saúde de minorias sexuais	PARENTE, J.S.; et al (2015)	Juazeiro do Norte e Crato, CE	Pesquisa transversal e quantitativa	316 integrantes LGBT	A violência psicológica/verbal foi a mais prevalente na amostra (78,8%) e o álcool foi a droga de escolha para consumo (70,9%).
“Tem que Nascer já com Aquele Dom”: Vivências de uma Jovem Travesti	AZEVEDO R.N., et al (2015)	São Paulo, SP	estudo de caso de corte transversal, fundamentado na abordagem qualitativa e no método fenomenológico	Uma pessoa travesti	A ansiedade é um dos pontos que marcam o caso da pesquisa, porém não dão ênfase, visto que é uma demanda em que a entrevistada reprime. As ligações são feitas com o relato da angustia que sentia em relação ao pai.
“Fazer emergir o masculino”: noções de “terapia” e patologização na hormonização de homens trans	VIEIRA, C.; PORTO R.M. (2019)	Natal, RN	Estudo etnográfico	um grupo ativista de homens trans	Abandono familiar, disforia de gênero, depressão, consumo inadequado de hormônios
Relatos de jovens homoafetivos sobre sua trajetória e implicações para a saúde mental	GUIMARÃES A.N., et al	SC	pesquisa qualitativa, descritiva	19 jovens homoafetivos 12 são homens e sete mulheres, com idades variando de 18 anos a 23 anos.	As dificuldades dos jovens em relação à descoberta e aceitação da homoafetividade estão relacionadas com enfrentamentos no convívio familiar e com grupos sociais, aspectos culturais e religiosos.
Bem-estar psicológico entre travestis e mulheres transexuais no Estado de São Paulo, Brasil	ZUCCHI, E.M.; ET al (2019)	SP	Estudo transversal	602 travestis e pessoas transexuais	Na análise múltipla, estiveram associados ao menor bem-estar psicológico: não ter endereço fixo, ter menor escolaridade, estar insatisfeita com as relações pessoais, suporte de amigos ou procedimentos transexualizadores realizados e ter sofrido violência verbal ou sexual

Nos estudos internacionais (Tabela 2) a objetividade das pesquisas é mais presente, desta forma, pode-se perceber com mais riqueza de detalhes o quanto as pessoas LGBT se encontram vulneráveis perante o restante da população.

As vulnerabilidades listadas nos estudos internacionais a priori são acerca da saúde mental das pessoas LGBTQI+, estes materiais elucidaram numericamente o quanto as questões sociais, envolvendo a não aceitação tanto da sua imagem como de seus grupos

sociais; questões financeiras e afetivas, podem ser determinantes para uma saúde mental saudável.

Um dos principais reflexos evidenciados foi o quanto a afetividade é importante, pessoas que possuem suporte social para expressarem suas identidades, possuem uma melhor estabilidade emocional, enquanto as que não possuem mais, evidenciam com maior facilidade sintomas depressivos. Além disso, a repressão da sexualidade foi mostrada como um fator decisivo no decorrer da vida adulta dessas pessoas.

E necessário ressaltar, que a diferenciação entre os materiais analisados, revelou que os estudos nacionais abrangem principalmente a percepção social dos indivíduos, além de terem focado as suas amostras em pessoas transexuais em sua maioria, fato que se interliga compreensível perante os altos graus de violência em que as pessoas transexuais e travestis são vítimas em nosso país. Em 2018, 164 pessoas transexuais e travestis foram assassinadas no Brasil (MOTT; CERQUEIRA; MICHELS, 2018).

Já os artigos internacionais apresentaram-se mais elaborados, proporcionando aos resultados, uma fidedignidade a problemática abordada, além de terem se concentrado em outros detalhes mais específicos: como variações de idades, populações e aspectos sociais.

Tabela 2 – Análise dos artigos Internacionais

TÍTULO	REFERÊNCIA	MÉTODO	AMOSTRA	LOCAL	ACHADOS
Are sociodemographic, lifestyle, and psychosocial characteristics associated with sexual orientation group differences in mental health disparities? Results from a national population-based study	KRUEGER, E.A.; UPCHURCH, D.M. (2019)	Estudo quantitativo (Inquérito Epidemiológico Nacional sobre Álcool e Condições Relacionadas)	Gays (homens homoafetivo ou mulheres lésbicas) (1,84%), heterossexuais (95,52%), bissexuais (0,84%) e pessoas que tiveram relações recentes com pessoas do mesmo sexo (4,79%)	EUA	As pessoas consideradas como minorias sexuais, haviam indicado uma pior saúde mental, se comparado ao grupo de pessoas heterossexuais, além do fato, que as pessoas LGB e pessoas que tiveram relações recentes com pessoas do mesmo sexo, apresentaram porcentagens mais elevadas de experiências estressantes durante sua vida, se comparado com pessoas heterossexuais. Em contrapartida, os GB e pessoas que tiveram relações recentes com pessoas do mesmo sexo apresentaram baixos índices de suporte social, se comparado a população heterossexual
Medidas de	BARRIENTOS,	Estudo	191 mulheres	Chile	Mulheres lésbicas

saludmental y bienestar subjetivo en una muestra de hombres gays y mujeres lesbianas en Chile	J., et. al. (2017)	quantitativo (aplicação de questionário de satisfação com escala de vida)	homossexuais e 256 homossexuais masculinos		apresentaram um nível melhor de satisfação com a vida se comparada com homens gays. E 8% dos entrevistados, tiveram pensamentos suicidas em algum momento da sua vida
LGBTQ Aging: Mental Health at Midlife and Older Adulthood	GREENE, D.C., et. al. (2016)	Estudo qualitativo	525 pessoas LGBTQ, que possuíam acima de 50 anos	EUA	Saúde mental da meia- idade LGBTQ é previsto pela ansiedade financeira, saúde física, autocompaixão, alienação, autotranscendência e vergonha do corpo ( $R^2 =$ 0,61), e autocompaixão, saúde física, ansiedade financeira e autotranscendência na idade adulta mais velha ( $R^2 = .56$ ). Adultos mais velhos identificando como LGBTQ evidenciado menos vergonha do corpo e financeira ansiedade e maior autocompaixão e saúde mental
Typologies of Social Support and Associations with Mental Health Outcomes Among LGBT Youth	MCCONELL, E.A., et. al. (2015)	Estudo quantitativo	232 jovens LGBT, que possuíam entre 16 a 20 anos de idade	Chicago, EUA	Os jovens com maior nível socioeconômico, são mais propensos a receber apoio de familiares, colegas e outros significativos, pessoas que não possuem suporte familiar, indicaram com mais frequência vulnerabilidades para depressão, solidão, suicídio.
Families Matter: Social Support and Mental Health Trajectories Among Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Youth	MCCONELL, E.A., et. al. (2016)	Estudo quantitativo	232 jovens LGBT, que possuíam entre 16 a 20 anos de idade	Chicago, EUA	Jovens que não possuem família, mas que possuem outras formas de apoio, possuem menos angústia, enquanto jovens que não possuem apoio algum, são mais angustiados.
Sexual Orientation Identity in Relation to Minority Stress and Mental Health in Sexual Minority Women	PUCKETT, J.A., et. al. (2016)	Estudo quantitativo	249 mulheres, queer, gay ou lésbica e bissexual	EUA	Mulheres queer e gays ou lésbicas encontraram maior vitimização, discriminação e expectativa de discriminação do que as mulheres bissexuais. No entanto, mulheres bissexuais apresentaram níveis mais altos de ocultação de identidade

LGBT people and suicidality in youth: A qualitative study of perceptions of risk and protective circumstances	RIVERS, I, et. al. (2018)	Estudo qualitativo	17 adultos LGBT	Inglaterra	eheterossexismo internalizado do que mulheres gays, lésbicas ou queer. As primeiras experiências negativas que as pessoas LGBT entrevistadas tiveram em relação a expressão da sua sexualidade, ainda possuem um forte efeito na sua vida adulta.
---	---------------------------	--------------------	-----------------	------------	--

Os resultados apresentados nas tabelas, fazem um breve sobre as vulnerabilidades ao qual as pessoas LGBT se encontram expostas. Todavia, para compreender este fenômeno e necessário aprofundar-se nas questões sociais condizentes a este contexto.

Mesmo com a noção de que gênero vem de uma construção pessoal, o nosso sistema social dita padrões de forma heteronormativa, cujo a ordem dominante se faz a lógica binária, na tentativa de enquadrar indivíduos a estereótipos de gênero os levando a situações de desigualdades (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016).

Essas desigualdades, principalmente, no que tange sobre as vulnerabilidades biopsicossociais, acabam por penalizar uma minoria sexual, essa tida fora do padrão binário. No entanto, há um conjunto de fatores que impulsionam esse estresse vivido e induzido por situações de assédio e discriminação, expondo essas pessoas a uma vulnerabilidade biopsíquica.

Embora não seja necessariamente senso comum, também não é muito novo afirmar que as desigualdades socioeconômicas, de gênero, sexuais e outras, especialmente quando são altas e persistentes como na América Latina e em outras regiões do mundo, têm um impacto significativo na vida das pessoas (PECHY, 2013).

Como mostrado nas tabelas, essa desigualdade socioeconômica está diretamente relacionada à saúde mental das pessoas LGBTQI+. Como visto na Tabela 1 os registros indicam que a violência é mais presente em pessoas que não possuem um apoio vindo de familiares, amigos, entre outros.

Enquanto a Tabela 2, mostra dados sobre pessoas que possuem um maior nível socioeconômico dispõem de uma maior facilidade para obter apoio, seja ele vindo da família ou amigos, resultando em menos constatações de sofrimento provindas dessas pessoas.

É fato que a sociedade, assim como a família e a escola, são entidades significativas que podem acolher ou não uma pessoa LGBTQI+, nos casos em que essas pessoas não

conseguem suporte social, elas costumam estar mais vulneráveis psicologicamente. Além disso, as políticas públicas para pessoas LGBTQI+ principalmente no Brasil, são frágeis, a prova disso e a não evidenciação das mesmas nos materiais analisados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Salienta-se, portanto, que a existência das pessoas LGBTQI+ é historicamente ligada ao preconceito e a discriminação, contudo, foi possível perceber a intensidade da repressão as pessoas LGBTQI+, afinal são pessoas que enfrentam resistências em não serem aceitas socialmente, devido a sua identidade de gênero ou orientação sexual, não se encaixam no modelo heteronormativo.

Por outrora, a comparação destes estudos pode-se mostrar o quanto o Brasil ainda é visto como um país violento perante a comunidade LGBTQI+, em contrapartida, em outros países a discriminação é presente, mas não de forma tão atenuada.

Contudo, as políticas públicas para pessoas LGBTQI+ no Brasil, precisam ser reforçadas e debatidas, para que se possa garantir uma assistência plural para essas pessoas, além disso, é necessário que outros(as) pesquisadores continuem a publicar estudos sobre pessoas LGBTQI+ e suas vivências, para que as instâncias governamentais se atentem as situações de vulnerabilidade ao qual essas pessoas estão expostas.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, G.A, et al. Homossexualidade e o direito à saúde: um desafio para as políticas públicas de saúde no Brasil. **Saúde em Debate**, v.37, n.98, p. 516-524, 2013.

AZEVEDO, Roberta Noronha; SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SPIZZIRRI, Giancarlo. " Tem que nascer já com aquele dom": vivências de uma joven travesti. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 21, n. 2, p. 201-212, 2015.

BAÉRE, F.; ZANELLO, V. O gênero no comportamento suicida: Uma leitura epidemiológica dos dados do Distrito Federal. **Estudos de Psicologia**, v.23, n.2, p. 168-178, 2018.

BARRIENTOS, J. et al . Medidas de salud mental y bienestar subjetivo en una muestra de hombres gays y mujeres lesbianas en Chile. **Rev. méd. Chile**, Santiago , v. 145, n. 9, p. 1115-1121, sept. 2017 .

GREENE, D.C.; BRITTON, P.J.; SHEPHERD, J.B. LGBTQ Aging: Mental Health at Midlife and Older Adulthood. **Journal of LGBT Issues in Counseling**, v.10, n.4, p.180-196, 2016.

GUIMARÃES, A.N.; MARQUI, G.D.S.; VENDRUSCOLO, C. WERNER, J.M.; ZANATTA,  
(83) 3322.3222  
contato@joinbr.com.br  
www.joinbr.com.br

E.A.R. Relatos de jovens homoafetivos sobre sua trajetória e implicações para a saúde mental. **Esc Anna Nery**. v.23, n.1, p.1-9, 2019: e20180240.

GOMES, A.M.; REIS, A.F.; KURASHIGE, K.D. Violência e homofobia: um estudo sobre o preconceito e a agressão contra a população LGBT em Mato Grosso do Sul. **Caderno espaço feminino**, v.26, n.2, p. 143-156, 2014.

KAKUSHI, Luciana Emi; ÉVORA, Yolanda Dora Martinez. As redes sociais na educação em enfermagem: revisão integrativa da literatura. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 24, p. 1-12, 2016.

KRUEGER, E.A.; UPCHURCH, D.M. Are sociodemographic, lifestyle, and psychosocial characteristics associated with sexual orientation group differences in mental health disparities? Results from a national population-based study. **Soc Psychiatry Psychiatr Epidemiol**, v.54, n.6, p.755-770, 2019.

MCCONNELL, E.A.; BIRKETT, M.A.; MUSTANSKI, B. Typologies of Social Support and Associations with Mental Health Outcomes Among LGBT Youth. **LGBT Health**, v.2, n.1, p.55-61, 2015.

MOTT, L.; CERQUEIRA, M.; MICHELS, E. GRUPO GAY DA BAHIA. Relatório 2018 – População LGBT no Brasil. Disponível em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2019/01/relatorio-2018-1.pdf>> Acesso em: 07 ago. 2019.

OLIVA, T. D. Minorias sexuais e os limites da liberdade de expressão - o discurso de ódio e a segregação social dos indivíduos LGBT no Brasil. Curitiba: Juruá, 2015.

PARENTE, J.S. et al. Álcool, drogas e violência: implicações para a saúde de minorias sexuais. **Reprodução & Climatério**, v. 30, n. 3, p. 108-114, 2015.

PECHENY, M.M. Desigualdades estructurales, salud de jóvenes LGBT y lagunas de conocimiento: ¿ qué sabemos y qué preguntamos?. **Temas de Psicología**, v.21, n.3, p.961-972, 2013.

PUCKETT, J.A.; SURACE, F.I.; LEVITT, H.M.; HORNE, S.G. Sexual Orientation Identity in Relation to Minority Stress and Mental Health in Sexual Minority Women. **LGBT Health**, v.3, n.5, p.350-356, 2016.

RIVERS, I et al. LGBT people and suicidality in youth: A qualitative study of perceptions of risk and protective circumstances. **SocSciMed**, v.212, p.1-8, 2018.

SOUZA, Martha Helena Teixeira de et al. Violência e sofrimento social no itinerário de travestis de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 31, p. 767-776, 2015.

VIEIRA, C.; PORTO, R.M. "Fazer emergir o masculino": noções de "terapia" e patologização na hormonização de homens trans. **Cad. Pagu**. n.55, p.2-32, 2019: e195516.

World Health Organization. Mental health: a state of well-being. [Internet]. 2014 Aug. [cited 2019 Aug 08] Available from: <[http://www.who.int/features/factfiles/mental\\_health/en/](http://www.who.int/features/factfiles/mental_health/en/)>.

World Health Organization. Mental health: strengthening our response. Fact sheet 220; 2014 [cited 2019 Mar 08]. Available from: <<http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs220/en/>>.

ZANATTA, Elisangela Argenta et al. Descobrir, aceitar e assumir a homoafetividade: situações de vulnerabilidade entre jovens. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, v. 10, n. 2, p. 391-398, 2018.

ZUCCHI, Eliana Miura et al. Bem-estar psicológico entre travestis e mulheres transexuais no Estado de São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 35, p. e00064618, 2019.